

## ENSINO SUPERIOR

# Cacique garante votos nas eleições da AAC, considera Elísio Estanque

Redes de fiabilidade e oferta de cargos são fatores que aumentam a participação dos estudantes no ato eleitoral, aponta ainda o sociólogo

Inês Balreira

No passado dia 6, ficou conhecido o novo presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC). Eleito com 4155 votos, Ricardo Morgado derrotou André Costa, da lista C, com uma vantagem de 413 votos. Ainda que na segunda volta tenham votado menos estudantes – na primeira volta votaram 9285 estudantes e na segunda 8511 – estas eleições para os corpos dirigentes da AAC foram as mais participadas dos últimos anos.

De acordo com o docente da Faculdade de Economia da UC e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES), Elísio Estanque, um dos factores para o aumento da participação dos estudantes no ato eleitoral, e o que “o que fez a diferença entre a lista L e a C”, foi a “capacidade que ambas as listas tiveram de edificar toda uma rede de fidelidade e de comprometimento de natureza pessoal ou através da oferta de cargos”. “Este tipo de programas é mais orientado pela fidelidade e pelo caciquismo, coisa que se fala nos bastidores e que contou

para um maior número de votantes”, assegura. Ricardo Morgado refuta este argumento, afirmando que “nenhuma lista tem meios para obrigar nove mil pessoas a ir votar”. “Se por cacique se pode entender o simples facto de perguntar a um colega se já votou, acho que não é por aí que votam nove mil e tal pessoas numa eleição”. Já André Costa não nega a existência do cacique: “todos sabemos que há muitas pessoas que na altura de eleições se dirigem aos seus colegas apenas para irem votar”, afirma. O estudante revela, contudo, que o projeto da lista C “nunca se pautou por essa via”.

No entanto, Elísio Estanque vai mais longe no que toca a críticas às duas listas. “São candidatos do sistema”, afirma o docente. O sociólogo explica que ambas as candidaturas presentes na segunda volta “tinham ligações com estruturas dirigentes anteriores”. André Costa contrapõe, reafirmando que a candidatura da lista C “foi, desde o primeiro momento, um projeto de mudança, e não existe nada que se afaste mais do sistema” do que o projeto que liderava. “O próprio sistema reagiu à existência do nosso projeto e isso demonstra que não fazíamos parte dele”, acrescenta. Quanto à continuidade do projeto “Desperta a Academia” enquanto movimento, o estudante afirma não saber ainda se “vai continuar ou não de forma estruturada”. Por sua vez, Ricardo Morgado explica que “as duas listas se destacavam” e tinham posi-



Na segunda volta, a abstenção atingiu os 61 por cento

ções “muito mais moderadas em relação à AAC e à política educativa do que as outras três listas”. O candidato eleito assevera ainda que este aspeto não é motivo para se afirmar que as duas listas – C e L – são iguais. “Não percebo bem o que

é o sistema”, acrescenta Ricardo Morgado.

## Níveis de abstenção significativos

Apesar da maior participação estudantil na primeira e segunda volta,

ANA MORAIS

o nível de abstenção continua, no entanto, bastante significativo, considerando os perto de 22 mil estudantes inscritos nos cadernos eleitorais. Na primeira volta a abstenção foi de aproximadamente 58 por cento, sendo que na segunda de 61 por cento.

Para o investigador do CES um dos fatores que contribui para os níveis significativos de abstenção prende-se com o grau de fiabilidade que os estudantes veem nos dirigentes estudantis. “O estudante comum tem dificuldade em se rever nas estruturas dirigentes enquanto defensoras dos seus interesses”, aponta Elísio Estanque. O docente clarifica que “uma maioria dos estudantes mostra uma desconfiança em relação às intenções dos dirigentes estudantis”, que muitas vezes se revelam “mais preocupados com o protagonismo e ambição pessoal do que com a defesa dos interesses dos estudantes”.

Elísio Estanque aponta ainda outro motivo para a abstenção, que se prende com a progressiva regionalização dos estudantes. O sociólogo explica que, com a regionalização, “os estudantes estão mais perto das suas casas e deslocam-se mais vezes à sua residência de origem”. Este fator, ainda de acordo com Elísio Estanque, “reduz o grau de envolvimento por parte dos estudantes àquilo que são os espaços e contextos de sociabilidade de Coimbra, ficando assim circunscritos ao mundo da universidade e dos seus cursos”.